Ano VIII — Lisboa, Março de 1952 — N.º 83

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O ALCOOLISMO

Conferência proferida pelo Sr. Dr. Ayres Serrano e Silva na sessão escotista efectuada em 9 do corrente pela União Evangélica de Escoteiros de Portugal, para início das comemorações do 40.º aniversário do 1.º Grupo de Escoteiros.



O álcool é um dos piores venenos da humanidade; é a ele que se devem as maiores perturbações dos órgãos da economia humana e as mais extraordinárias preversões da sua espiritualidade.

As bebidas alcoólicas são o produto da fermentação de certos vegetais, e o álcool pode estar incluído nelas em proporções que variam entre 6 a 60 %.

As bebidas mais ricas em álcool são, muitas vezes, duplamente tóxicas, não só pelo álcool que contêm, mas também por outros venenos como sejam substâncias amargas ou aromáticas e extractos de plantas.

O uso de bebidas alcoólicas vem de tempos bastante remotos e espalhou-se ràpidamente por todo o mundo, havendo, no entanto, países, em que o é feito em maior escala. Foi apanágio do homem durante muito tempo, mas, de algumas décadas para cá, a mulher, em certos países, tem-se precipitado loucamente no seu abuso. Assim, estatísticas antigas, dizem ser à roda de 5 a 10 % o número de mulheres, em relação ao homem, que abusavam das bebidas alcoólicas e as estatísticas modernas revelam-nos valores de 40 a 50 %.

Há a crença, entre os que estão sujeitos a trabalhos pesados, que o álcool dá força, mas é um puro engano, pois se por instantes dá alguma força, passado pouco tempo produz ainda maior adinamia, isto é, esgotamento físico. Igualmente os intelectuais se servem do vinho para lhes estimular as faculdades mentais, mas, passado algum tempo, em vez de estímulo têm depressão e entorpecimento mental. Sucede o mesmo com todas as substâncias que tenham acção depressora sobre o sistema nervoso; numa primeira fase excitam-no, mas numa segunda deprimem-no.



DR. AYRES SERRANO E SILVA

A acção do calor ou do frio sobre os intoxicados pelo álcool é bastante nociva.

O álcool produz no organismo humano duas formas de intoxicação: a aguda ou *etilismo agudo* e a crónica ou *etilismo crónico.*

Diz-se etilismo porque o produto que vulgarmente é conhecido com o nome de álcool, quìmicamente não é mais do que o álcool etílico, visto que há outros alcoóis.

Etilismo Agudo — É a vulgar *bebedeira.* Todos vós já tendes, infelizmente, observado alguns embriagados. É o resultado normal de certas festas em que, para se demonstrar a alegria reinante, tem que correr bastante vinho. Estas festas actuais não são mais do que as antigas bacanais do tempo dos Césares, mas em escala reduzida por vezes; geralmente estão em relação com a intelectualidade e a moralidade das pessoas que nelas tomam parte. Em certas ocasiões o etilismo agudo é devido a apostas extremamente estúpidas e brutais e de uma inconsciência absoluta.

Conforme a sensibilidade individual ao álcool e a quantidade ingerida, assim as alterações sofridas pelo organismo humano, durante o etilismo agudo, vão da simples aceleração do pulso; da vermelhidão da pele (principalmente da face e orelhas); do aumento do número de movimentos respiratórios por minuto; na maior liberdade das relações sociais com os que o rodeiam; da elevação do conceito do seu «*EU*»; de uma irritação psicomotora que o obriga a falar e a gesticular de forma anormal; a entoar canções ou a rir sem motivo e estrepitosamente; da falta de respeito e considerações sociais pelos seus semelhantes; discutindo e reagindo agressivamente em face de contradições e limitações que queiram opor-se às suas liberdades e expansões; até às perturbações do sistema nervoso central ou da psique.

Estas são, em grau progressivo: transtornos da coordenação dos movimentos, tanto para articular palavras como para fazer um qualquer movimento intencionado, ou para a marcha que se torna pouco segura, ziguezagueante e com dificuldade para conservar o equilíbrio na posição de pé, quer esteja parado quer ande ou quando tem que passar qualquer obstáculo. Há, igualmente, uma incoordenação da associação das ideias. Seguem-se os transtornos da sensibilidade, a paralisia dos movimentos e a perda da consciência, caindo em coma, que quer dizer ficar a dormir. A morte sobrevém se a quantidade de álcool foi grande e o tratamento não actuou a tempo.

(Continua na 2.ª página)

O ALCOOLISMO

(Continuação da 1.ª página)

Lembramo-nos de um caso passado há alguns anos em que um pobre rapaz foi vítima de uma aposta malévola em absoluto: ingeriu uma garrafa de um conhaque qualquer e estava para beber uma outra garrafa de vinho da Madeira quando caiu em coma e nos foi trazido. Fizemos-lhe cinco vezes mais o tratamento do que a qualquer outro e mesmo assim ficou sonolento até ao dia seguinte. Graças a Deus não morreu.

Estes transtornos do sistema nervoso e da psique são diferentes e aparecem mais cedo ou mais tarde conforme a educação do intoxicado. Além destas desordens que se observam no etilismo agudo pode haver uma que é sumamente grave—o desabrochar de taras criminosas que estavam em latência; o prejuízo neste caso não é só do intoxicado como também das pessoas que com ele estão e que por vezes lhe são tão queridas.

Passado o etilismo agudo, o intoxicado sente, durante o dia seguinte, mal estar geral, dor de cabeça intensa, estado nauseoso, isto é, vontade de vomitar, língua saburrosa e falta de apetite mais ou menos acentuada.

Etilismo Crónico—É devido não só à frequência do etilismo agudo como também à ingestão diária de pequenas quantidades de álcool, especialmente das denominadas bebidas brancas e ainda à sensibilidade receptiva individual.

Todos nós conhecemos, e bom fora que não, o aspecto exterior do alcoólico crónico: nariz, face e maçãs do rosto avermelhados; dificuldade de articulação da palavra; voz roufenha; língua tremendo constantemente, assim como as mãos; dificuldade em manter a marcha em linha recta; inconsciência e por vezes inconsideração para com o seu semelhante. V. Ex.as não podem calcular do que é capaz o alcoólico crónico para obter o álcool. Serve-se de todos os meios que vão desde a mentira até ao crime, isto é, ao roubo para obter dinheiro para comprar o álcool, ou então roubar mesmo o próprio álcool, indo até à violência. Não se importa de empenhar até mesmo os objectos que lhe são mais queridos para obter o tóxico.

O alcoólico crónico queixa-se frequentemente de tosse abundante, com não menos abundante expectoração, pois neles, devido à intoxicação crónica, há muito menos defesas orgânicas e enfermam com relativa facilidade de pneumonia, tuberculose pulmonar, abcesso do pulmão e mesmo grangrena pulmonar, além da bronquite crónica que lhes é peculiar. São estas doenças intercorrentes que na era anterior aos antibióticos penicilina, estreptomicina, aureomicina, etc., os conduziam frequentemente à morte, não sucedendo o mesmo actualmente.

É costume haver o que se chama a pituíta matinal, isto é, o aparecimento de aguadilha na boca quando estão em jejum, o que normalmente desaparece com a ingestão de novas quantidades de álcool, sendo devida a perturbações gástricas e hepáticas. As glândulas gástricas que segregam o ácido clorídrico estão muito lesadas e não o fabricam em quantidade suficiente, permitindo, a falta de ácido clorídrico no estômago, o refluxo de bílis para o mesmo. O álcool produz pertubações tão graves no estômago que leva o intoxicado crónico a quase não ter apetite e por vezes verifica-se a perda total do mesmo, conduzindo este estado à possibilidade de instalação no organismo de outras doenças, como, por exemplo, a tuberculose pulmonar, de que já falámos.

Não é raro encontrar-se nos alcoólicos diarreia pertinaz, que não só é devida a falta de ácido clorídrico no estômago e, portanto, à dispepsia gástrica que origina a má digestão como também a perturbações intestinais, entre elas o estado saburroso da mucosa do intestino.

O fígado também é extraordinàriamente atacado e como é um maravilhoso laboratório humano é a ele, entre outros, que é confiada a missão de expurgar do organismo os tóxicos que lhe são administrados. Quando esses tóxicos lhe são levados constantemente, chega a uma certa altura em que já não pode trabalhar normalmente. A causa do mau funcionamento hepático é a transformação progressiva da sua arquitectura anátomo-fisiológica e acaba numa doença incurável que é a cirrose hepática. V. Exas. já têm visto, com certeza, um cirrótico, mas não têm ligado a importância necessária; vamos indicar-lhes sumàriamente a visão de um desses doentes: bastante magro, cara chupada, macilento, a que se associa por vezes a coloração amarelada de ligeira icterícia, membros superiores e inferiores bastante emagrecidos, assim como o tronco, e, a contrastar com esta pobreza e ruína orgânica, um ventre descomunal. Tal é o aspecto de um cirrótico com barriga de água.

A cirrose hepática caracteriza-se, a maior parte das vezes, por aumento progressivo do ventre; pelo aparecimento de líquido dentro do peritoneu, que não é mais do que plasma sanguíneo, pois o sangue não circula dentro do fígado como deve ser e tem que se escoar para alguma parte e o único local é a cavidade peritoneal; pelo desenvolvimento da rede venosa da pele do ventre, tomando uma disposição semelhante à cabeça de uma medusa, podendo chegar as veias, ainda que pareça incrível, a ter o volume de um punho de homem. Estas veias normalmente não se vêem. É um mecanimo de compensação, por circulação colateral, para que o sangue possa chegar, da parte inferior do corpo humano, ao coração, visto que pouco ou nenhum passa através do fígado.

O aspecto de um ventre assim chama-se ventre de batráquio, a vulgar barriga de água, pela sua semelhança com o desses animais, e a presença do líquido dentro do ventre é denominada ascite.

Já temos extraído entre 16 a 22 litros de líquido do ventre de cirróticos. É um líquido amarelo-citrino. Nunca nos podemos esquecer do que um cirrótico, com grande ventre, nos disse quando sofreu a primeira paracentese (extracção do líquido do ventre) ao ver o líquido amarelado que lhe saía da barriga: «*Afinal eu bebia vinho tinto e o que sai é vinho branco*». E disse-o com convicção, o pobre homem que ignorava que morreria dentro em breve.

Quando o fígado já não pode transformar e, portanto, expurgar as substâncias tóxicas que lhe são fornecidas constantemente e em tão grande quantidade, aparece o *Rim* em seu auxílio, mas este também a pouco e pouco esgota as suas energias e faculdades e acaba por ser impotente para limpar o sangue dos tóxicos, eliminando-os para o exterior do organismo e, então, aparece uma doença chamada esclerose renal, que conduz ràpidamente à morte por aquilo que antigamente se dizia urémia, mas actualmente uremia.

Falta-nos falar das perturbações de natureza psíquica; são as mais importantes socialmente e conduzem o homem, esse ser que Deus privilegiou com raciocínio, à maior miséria, à falência, à ruína espiritual e, consequentemente, social, tornando-se um fardo pesadíssimo à economia das nações e embrenhando-se, a maior parte das vezes, na senda do crime.

O álcool produz, na sua intoxicação crónica, a perda progressiva da vontade: vontade de conviver, vontade de trabalhar e, se ainda trabalham, o seu rendimento é cada vez pior, sendo a causa frequente dos acidentes de trabalho.

Consideremos vários aspectos das diferentes modalidades de doença produzida pelo álcool na sua acção nociva sobre o sistema nervoso central:

1.º) O *delirium tremens* é o quadro psicótico mais agudo e mais frequente do alcoolismo crónico; é quase sempre desencadeado por um traumatismo, isto é, por uma doença intercorrente, quer infecciosa: pneumonia, erisipela, etc., quer uma fractura ou choque emotivo, quer pelo medo da noite, em virtude da insónia.

Caracteriza-se pelo delírio em que ao princípio há intranquilidade, insónia, pesadelos terroríficos e, depois, alucinações: vêem animais, ferozes ou não, que os vêm morder ou incomodar; geralmente vêem pequenos animais normalmente inofensivos como sejam moscas, piolhos, aranhas, ratos, morcegos e a maior parte das vezes estes animais embrenham-se em lutas das quais um sai vencido escorrendo sangue; outras vezes vêem-se calcados pelas patas de numerosos cavalos, de elefantes ou ainda, o que é mais inverosímil, de galos, gatos ou cães.

Há sempre nestas alucinações, como ponto culminante a tragédia, o terror, o desastre e a morte; aparece também o delírio profissional ou ocupacional: os cocheiros fustigando os seus cavalos, o carpinteiro usando as suas ferramentas, o motorista vendo desastres horríveis, etc.; a sugestibilidade em que o doente pode ler um papel em branco ou manter uma conversação fictícia pelo telefone.

Tudo isto conduz à uma vivíssima excitação motora que impede o doente de permanecer na cama e não lhe dá um momento de quietude nem de sossego.

Com o delírio coexiste o tremor de grandes oscilações, na face, tronco e extremidades, que se apresenta constantemente, associando-se suor intenso.

2.º) *Alucinose alcoólica* — Evoluciona com alucinações auditivas em forma de fonemas ou frases insultantes, coincidindo com completa lucidez da consciência, memória não afectada e conduta correcta.

3.º) *Delírio de zelos*—É uma outra forma de psicose em que têm sempre a mania que os enganam e principalmente que as suas mulheres lhe são infiéis. Recordamo-nos de um sargento que esteve internado no Hospital Militar Principal, alcoólico inveterado, que levou 12 dias e 12 noites gritando sempre «*Minha mulher engana-me, minha mulher engana-me*».

4.º) *Sindroma de Korsakow* — Apresenta-se depois de um *delirium tremens* que não cura ou paulatinamente no sindroma crónico do alcoolismo, consistindo essencialmente numa perda da memória de fixação, desorientação no tempo e no lugar, fabulações que enchem as lacunas da memória e lucidez conservada.

5.º) *Epilepsia alcoólica* — Pode ser devida à extrema sensibilidade ao álcool em indivíduos com tara epiléptica e desencadear-se uma crise epiléptica pela acção do álcool ou ser sòmente devida ao álcool.

Como já dissemos, mas não é mau acentuar, o álcool pode desenvolver a tara criminosa e assim ter uma acção social bastante funesta, levando-os ao suicídio ou ao assassínio.

Todas estas formas de doença do sistema nervoso central devidas à acção do álcool, e mais algumas que não enunciamos, são as que se designam sob o nome genérico de **Loucura** e estes doentes são os que, infelizmente, povoam os MANICÓMIOS de todo o mundo.

Deixamos de propósito para o fim a acção do álcool nas crianças: é extraordinàriamente nociva e são muito sensíveis ao tóxico.

Produz atrasos do desenvolvimento

(Conclui na 3.ª página)



Grupo N.º 6—OLHÃO

Comemoração do 27.º aniversário

Em 17 de Janeiro, este Grupo comemorou 27 anos de existência, reunindo na Sede todo o seu efectivo numa festa íntima a que presidiu o Snr. Antero Nobre, Presidente da Câmara local, ladeado pelos Srs. Dr. Luís Bernardino da Silva, Reinaldo Santos e Alfredo dos Santos Delgado.

Dada a palavra ao escoteiro sénior José Azinheira Rebelo, leu uma sua saudação ao Grupo pelo seu aniversário. Os Guias ou secretários das Patrulhas leram os relatórios anuais das mesmas, tendo depois o Chefe-Adjunto lido o relatório anual das actividades Grupo, que tenciomos publicar, por nos parecer de interesse e cheio de boas sugestões para outros grupos.

Foi lido ainda o Comunicado n.º 12 do Conselho do Grupo e uma mensagem do escoteiro sénior Fernando Augusto Carvalhinho, ausente em Lisboa, depois do que foram entregues prémios a escoteiros, o galhardete do concurso «Honra e Mérito» à Patrulha «Andorinha», que o ganhou no último trimestre do ano 1951, o galhardete do concurso «Assiduidade» à Patrulha Galo que também o ganhou no último trimestre do ano de 1951 ; o prémio ao escoteiro melhor comportado também nesse trimestre, classificação atribuída a José Domingos Mendonça de Sousa.

Tomou então a palavra o Sr. Presidente que disse do seu apreço pelo Grupo, como antigo escoteiro e como Presidente da Câmara, salientando que a permanecer no seu cargo, fará por manifestar o apreço do próprio Município de forma ainda mais clara.

Em seguida observou-se um minuto de silêncio pela morte da avó das Camaradas Matos, membros da D. A. F., findo o qual se procedeu ao compromisso de honra de cinco novos aspirantes a escoteiros juniores.

Para terminar esta festa, foi servido um chá de confraternização. — C.

O ALCOOLISMO

(Conclusão da 2.ª página)

físico e mental associados a debilitamentos orgânicos, principalmente pela falta alimentar quer quantitativa quer qualitativa e também porque a perda de apetite é considerável em virtude dos estragos causados nos órgãos digestivos e suas glândulas anexas.

Não só é um crime dar-se bebidas alcoólicas às crianças como também, se não as dermos, praticaremos a profilaxia do alcoolismo, pois a maior parte das vezes o grande bebedor adulto já o era em criança.

Supomos ter dado uma ideia, ainda que sumária, dos perigos do álcool e dos estragos produzidos por ele no organismo humano, esta maravilhosa máquina que nos foi dada por Deus e que nunca ser algum poderá criar com tanta perfeição e faculdades de adaptação às mais variadas circunstâncias. Demos, pois, todos, graças a Deus que nos criou e nos deu a faculdade de raciocínio.

AYRES SERRANO E SILVA

CAMPANHA PARA MAIS 100 ASSINATURAS

O «*Sempre Pronto*» lançou uma campanha para mais 100 assinaturas, apelando para os seus amigos para que colaborem neste esforço, a fim de equilibrar o orçamento financeiro do jornal em 1952.

Estamos certos que os nossos leitores desejam cooperar nesta iniciativa e aguardamos as novas assinaturas como coisa certa. Até agora já chegaram à nossa Administração as seguintes assinaturas:

Sr. Agostinho da Silva Lopes, proposto pelo nosso já velho amigo e colaborador Sr. Eugénio Ribeiro Nunes; Srs. Hélder da Costa Cardoso e Abílio Lopes Nunes, pelo jovem entusiasta de Tomar, Sr. Fernando Pinto dos Santos. E directamente os Srs. Armando Rosa, Jorge Luís Martins, Mário Gomes e Grupo n.º 7 dos Escoteiros de Portugal.

A todos agradecemos reconhecidos.

Também a Direcção da Associação dos Escoteiros de Portugal quis colaborar na nossa campanha e escreveu-nos amável ofício em que nos comunica subscrever 6 assinaturas do nosso jornal a partir de Janeiro do ano corrente. Desvanece-nos esta atitude da Direcção da A. E. P., que marca uma posição de simpatia, que de forma nenhuma queremos deixar sem o merecido relevo.

Até agora, portanto, registámos 13 novas asinaturas. São poucas, não há dúvida, mas outras chegarão, estamos certos disso, e vamos alcançar a centena.

Precisamos, no entanto, de mais novas assinaturas e pedimos a todos os nossos amigos para que nos ajudem nesta campanha. Nenhum dos nossos leitores se deve sentir dispensado de corresponder a este nosso apelo, porque nós contamos com todos.

O 95.º aniversário do nascimento de Baden-Powell, foi comemorado com um Serviço Religioso promovido pelos Escoteiros Evangélicos

No dia 24 de Fevereiro p. p., no formoso templo evangélico do Largo das Taipas, efectuou-se um culto especial comemorativo do 95.º aniversário do nascimento de B.-P. e em acção de graças pela obra educativa do Escotismo no Mundo.

Este culto foi promovido pela União Evangélica de Escoteiros de Portugal, tendo comparecido escoteiros dos grupos 53, 94 e do grupo em organização na Igreja Presbiteriana da Rua S. Bento. Estiveram presentes ainda os Srs. Rev. José Vasco dos Santos, Dr. Leopoldo Figueiredo, dirigentes da U. E. E. P. e muitos fiéis.

O serviço foi dirigido pelo Pastor Sr. Josué Ferreira de Sousa e o sermão proferido pelo Pastor Sr. José Ilídio Freire, um antigo colaborador do grupo n.º 1 e dedicado amigo do Escotismo, que, depois de evocar a beleza da gratidão, disse que os escoteiros evangélicos faziam bem em se lembrar do Fundador do Escotismo e dar graças a Deus, porque, sem dúvida, Baden-Powell foi uma boa dádiva de Deus.

Recordou, depois, que há 23 anos teve a grande satisfação de ver B.-P. em Portugal, numa sessão realizada na Sociedade de Geografia e que tinha tido ocasião de admirar a sua simplicidade, apesar de ser uma grande figura mundial.

Continuando, referiu-se à fundação do Escotismo, e afirmou que B.-P. estudou as tendências do rapaz, lembrando-se da sua mocidade, e, descobrindo que o jovem tem o amor da vida ao ar livre, que tem o gosto da aventura, o desejo de ser útil, de aprender alguma coisa, criou este movimento que satisfaz as aspirações da mocidade.

Entrando, pròpriamente, no tema da sua conferência — «O escoteiro cristão» — o Pastor Sr. Ilídio Freire citou o Compromisso de Honra do Escotismo e, comentando-o, disse: «Acima de tudo o escoteiro deve ter no seu coração *o temor de Deus, que é o princípio de toda a sabedoria*. Contudo, temor não é medo; temor é respeito, reverência. B.-P. tinha o temor do Senhor».

«O escotismo é escola de tolerância — disse — nele cabem todas as religiões e todos se respeitam. Aqueles que têm tido o privilégio de assistir a esses grandes «Jamborees», têm ocasião de se reunir com rapazes de todas as crenças e podem verificar o valor da tolerância».

O Pastor Sr. Ilídio Freire terminou a sua oração depois de evocar os deveres do escoteiro cristão, o maior dos quais é o de dar testemunho da sua Fé através das suas vidas.

Antes de encerrar o culto, o Pastor Sr. Josué Ferreira de Sousa agradeceu a mensagem, terminando com oração e bênção.

Desta forma, os escoteiros evangélicos da capital comemoraram o «Dia do Pensamento», dando graças a Deus pela vida de Baden-Powell e pela obra do Escotismo.

• • o • •

O ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

e a sua nova gerência

Tomaram posse no dia 6 do mês passado, os novos Corpos Gerentes do Ateneu Comercial de Lisboa para 1952. O acto foi presidido pelo Sr. Professor Cruz Filipe, ladeado pelo Director da Escola, Sr. Professor Luís Fontela, e antigo consócio, Sr. Eurico Ferreira Cabecinha.

Pela quinta vez foi eleito para o cargo de Presidente da Direcção o nosso muito querido amigo Sr. João José de Avelar Machado, ao lado dum conjunto de nomes que não deslustram em nada a continuidade da obra prestimosa do Ateneu. Estão de parabéns, portanto, os Acelistas pela escolha do elenco para dirigir os destinos da sua colectividade,

O «Sempre Pronto» não pode nem deve esquecer quanto deve ao Ateneu Comercial de Lisboa, pela forma gentil e acolhedora como sempre tem sido recebido nesta colectividade, e assim deseja para a nova direcção os melhores êxitos.

O "POW-WOW,, DO VELHO LOBO

8.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Se vós olhardes com olhos de ver para o que se passa no Mundo, talvez, mesmo assim, não possais compreender como é que os homens procuram, cada vez com mais afinco, destruir-se uns aos outros. Sois muito novos e em vossos corações arde ainda, como chama viva e alta, o fogo do entusiasmo e da fé. Nem serei eu, meus rapazes, quem irá lançar água fria a jorros sobre esse vosso entusiasmo para o apagar. Longe disso! Como chefe, por muitas desilusões que o tempo («velho renegado» chamou-lhe Vítor Hugo) tenha trazido ao meu coração; por muito arrefecido que esteja o entusiasmo juvenil dos meus 20 anos; por muito que eu descreia hoje dos homens e das suas palavras de paz e de concórdia, eu não tenho o direito de desiludir-vos, embora algo dentro de mim—*la petite voix dedans* —me diga que se o fizesse talvez contribuísse para que alguns de vós, ao entrarem na vida, não sofressem o choque desilusionante que tantas vezes provoca o contraste profundo entre uma ilusão risonha e rósea e a triste realidade dos dias que correm.

Para quê, meus rapazes? Se há dois mil anos certo Rabi, cheio de amor, obteve em paga das suas palavras de paz e de esperança, um triste madeiro como prémio...

Ora se o homem — a despeito da lição humaníssima de tantos que no passado lhe pregaram a fraternidade, tendo muitos até morrido em holocausto às suas doutrinas de amor—continua a ser hoje o mesmo lobo feroz que parece sentir prazer sádico em torturar o seu semelhante, indo até os requintes mais bárbaros, que admirar que ele considere os pobres animais, não dotados de razão, como seres desprezíveis, contra quem todos os maus tratos são permissíveis?

Não podia B. P. esquecer esses nossos irmãos inferiores, com os quais manifestava a mesma ternura ingénua do famoso S. Francisco, a quem o «irmão lobo» se não atrevia a fazer mal. Por isso a 6.ª Lei reza assim:

O ESCOTEIRO É AMIGO DOS ANIMAIS

E esclarece:

"Deve poupar-lhes o mais possível a dor, e não matar sem necessidade nenhum animal, porque ele é uma das criaturas de Deus. É admissível matar um animal para comer ou um que seja nocivo„.

Há certas pessoas que se supõem superiores e, portanto, acham ridículo este cuidado manifestado por outras pessoas em favor dos animais. E essa sua «superioridade» vai até ao ponto de escarnecerem as beneméritas Sociedades Protectoras dos animais, achando preferível a existência de sociedades similares para a protecção dos Homens.

Perfeitamente de acordo. Simplesmente, meus rapazes, há esta *pequenina* diferença a considerar: enquanto um homem, porque é ser *racional*, está sempre certo de que, ao maltratarem-no, uma voz, pelo menos, poderá erguer-se num recanto remoto da Terra a verberar a atitude desumana do agressor, os animais, porque *irracionais*, não podem PENSAR em ter qualquer consolação semelhante; SENTEM todavia COMO NÓS a dor, que só corações secos e espíritos agrestes não verão estampada nos olhos do pobre animal.

Houve tempo em que um tribunal político-religioso — ignoro por que monstruoso escárneo chamado Tribunal da Fé — martirizava sàdicamente as vítimas indefesas, tantas delas enlouquecidas durante a tortura, podemos perfeitamente imaginá-lo, apenas porque essas vítimas se obstinavam em não crer nos mesmos dogmas que os seus carrascos (*Creriam* estes *de facto* nesses dogmas?). Muitos milhares de seres humanos foram sacrificados a essa intolerância, com fins que não vêm agora a propósito, em Portugal, na Espanha, na Índia e nos domínios espanhóis da América. Todavia, se para os pobres padecentes dos autos-de-fé (DE FÉ, meus rapazes!...) não poderia servir de lenitivo o saberem que espalhados pela Europa havia outros homens que, pela palavra e pela pena, pregavam contra o monstruoso tribunal, para nós, homens de hoje, consola-nos verificar que o homem dos séculos XVI e XVII não era, afinal, tão mau como poderia supor-se, pois havia quem se revoltasse então contra as monstruosidades sem conta da Inquisição.

Dobam-se os séculos, e de 1792 a 1796 toda a França se cobriu de guilhotinas, onde caíram tantas cabeças ilustres em homenagem à loucura de dois ou três iluminados que, ateus, se julgavam investidos duma missão divina: a de salvar os homens... matando-os, tal como o Santo Ofício os salvava... queimando-os. Mas os clamores contra o sadismo do Comité de Salvação Pública e, depois, do Directório ergueram-se até no seio da própria França, que afinal não estava tão abatida e tão corrupta como parecia, deixando matar os franceses mais ilustres sem um protesto e sem revolta.

Mais anos se passaram e, quando se julgava que o homem, pelos espantosos progressos da instrução tivesse enfim os olhos e o coração abertos à piedade e ao perdão, vêem-se os monstruosos *pogroms* da Rússia czarista contra os Judeus e, anos depois, a revivescência do odioso racismo, com os campos de concentração ao serviço do sadismo mais torpe que jamais parece ter existido sobre a Terra. Buchenwald, sobretudo, ficará como símbolo tétrico a condenar toda uma civilização — a nossa! — que permitiu a existência de tais horrores como nunca antes houvera para com seres humanos indefesos. Mas, felizmente, que muitos outros homens os condenaram *inlimine* ao conhecerem em pormenor os horrores dessas sucursais do inferno, e repudiaram do seu seio tantos dos monstros de forma humana, em cujos corações morrera toda a piedade.

Mas que dizer dos pobres animais que só excepcionalmente se queixam ou podem queixar-se dum agressor, que se compraz na dor do pobre ser indefeso? Ora vede, meus rapazes, até que requintes de crueldade pode ir o homem quando quer sentir prazer com a dor alheia.

Há o rapaz mal educado que acha naturalíssimo matar com fisgas as pobres avezinhas que, tantas vezes, estão nos ninhos a alimentar os filhos. Há os que trepam às árvores para roubar os ninhos (que aliás para nada lhes servem), lançando na maior dor a mãe que não encontra os filhos ao voltar com o cibo para eles. Há o que se entretém a atirar pedras aos gatos, apenas para ter o prazer de os ver fugir, tantas vezes com o corpo em sangue, quando não ficam a arquejar num lago de sangue.

Há os que se comprazem em ver certos selvagens com forma humana a bater desalmadamente nos pobres bois, cuja força possante é inferior, no entanto, ao excesso de carga que lhes deitaram em cima (quando acabará esse espectáculo bárbaro e esse meio primitivo de trasporte?). Há os que envenenam os rios levando a morte aos descuidados peixes que, depois, nem ao menos servem para alimentar

(Conclui na 6.ª página)

A A. E. P. é um agregado de instituições autónomas

A ORGANIZAÇÃO DAS REGIÕES

O artigo publicado no último número do nosso jornal mereceu aplausos de muitos dos nossos leitores e parece reconhecer-se que, de facto, tem sido prejudicial ao Movimento a tendência para centralizar demasiadamente toda a chefia escotista na Direcção.

Por outro lado, reconhece-se também muito nocivo que os grupos fiquem absolutamente entregues a um único dirigente, sem espécie nenhuma de colaboração e inspecção interna e externa. Não havendo dentro do Grupo uma Direcção verdadeiramente responsável pela unidade, ao faltar o Escoteiro-Chefe ascende ao posto o primeiro aventureiro, o agrupamento começa a enfranquecer, desorganiza-se e, se não desaparece, seria preferível que isso acontecesse. É esta a história de muitos grupos que desapareceram ou arrastam uma existência apagada.

Há, contudo, um factor importante para o progresso do Escotismo. É a organização das Regiões. Estas poderão constituir um elemento poderoso para estimular a actividade dos grupos, promovendo exercícios, inspecções, reuniões de confraternização, concursos, acampamentos, etc.

Para isso, porém, é necessário que as Regiões sejam alguma coisa mais do que um ou dois dirigentes, mais ou menos autoritários, impondo a sua vontade, a sua maneira de ver, aos grupos da sua zona.

Na Inglaterra, e citamos este país porque ninguém ousará afirmar que o Escotismo aí está mal organizado, as Regiões constituem autênticas associações, sem que a *Boy Scouts Association* julgue a sua autoridade diminuída por esse facto, permitindo-se ainda a existência de Federações de Grupos pertencentes a determinadas igrejas.

Para que as Regiões possam ser verdadeiramente úteis devem ter um Chefe Regional, um adjunto para cada Divisão, um ou mais Secretários conforme a importância do Movimento local, e um Tesoureiro. Uma Região com um elenco dirigente desta conformidade não se desorganizará se um dos seus componentes tiver de se afastar.

Outra forma de organizar as Regiões, talvez mais interessante ainda e mais semelhante à organização britânica, é a constituição de uma Direcção Regional eleita pelos grupos locais, da qual fazem parte os Secretários e o Tesoureiro, eleição homologada pela Direcção Central.

Constituindo um corpo à parte, nomeado superiormente, permanecem o Chefe Regional e seus adjuntos. A Direcção Regional ocupa-se de assuntos administrativos, orientação e representação do Escotismo local, propaganda e difusão, competindo ao Chefe Regional a Chefia dos Grupos.

Por esta forma, se o Movimento estiver em mãos de elementos competentes, terá forçosamente de progredir. Não haverá possibilidade de casos semelhantes àqueles que nos últimos Boletins Oficiais foram considerados «*sob observação atenta*», porque sob observação atenta estarão sempre todas as unidades.

À Direcção Central, liberta da preocupação de resolver pequenos casos dos grupos, estaria aberta uma missão bem mais importante. Competir-lhe-ia orientar superiormente o Escotismo, provendo-o de normas e regulamentos, de manuais técnicos, doutrinando e ensinando, promovendo as grandes actividades nacionais e representando a Associação junto dos poderes públicos e das associações congéneres estrangeiras.

Esta seria uma obra de valor, capaz de interessar elementos no trabalho da Direcção. Enquanto quiserem que tudo dependa da Sede Central, *a A. E. P. não será um agregado de instituições autónomas*, e continuará a vegetar.

E. R.

Ora faça o favor de rir...

Qual dos dois era mais fino?

Um camponês de Trás-os-Montes veio a Lisboa pela primeira vez e, como era natural, ficava embasbacado a cada passo diante de qualquer coisa, porque na grande cidade tudo lhe parecia maravilha.

Uma coisa porém o intrigava fortemente. Era ver muitos estabelecimentos com balcão e caixeiros, mas a respeito de mercadorias nem raça. Eram as lojas de câmbios.

Na Rua do Ouro, sobretudo, é que ele mais se admirava, porque alí havia umas poucas dessas lojas.

Um dia, porém lobrigou uma, onde só estava o dono, dentro do balcão. Sendo a sua curiosidade mais forte que a timidez, entrou e perguntou:

— Que vende o senhor aqui?

O cambista, que imaginava poder divertir-se à custa do homem, respondeu:

— Vendo cabeças de burro.

—Oh,—replicou imediatamente o camponês percebendo que o sujeito estava a fazer troça dele,—deve ter feito então um belo negócio, porque eu cá já não vejo senão uma.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros

Desfolhando antigos jornais escotistas, recordámos que esta ideia da Fraternal não é nova. Muito antes do «*Sempre Pronto*», outros órgãos escotistas lutaram para que se organizasse a Fraternal dos Antigos Escoteiros, sem terem, contudo, conseguido resultados.

Parecia que o «*Sempre Pronto*» ia ser mais feliz. A sua campanha despertou vivo entusiasmo. Vieram aplausos, incitamentos, adesões às dezenas. Os antigos escoteiros encaravam a iniciativa com França simpatia e entusiasmo.

O «*Sempre Pronto*», satisfeito com o ambiente criado em volta da ideia, procurou levar o empreendimento por diante, sacrificando com trabalho os seus colaboradores e sobrecarregando as suas finanças — que já realizam milagres para publicar o jornal — com as despesas de organização.

E a Fraternal criou-se. Elegeram-se Corpos Gerentes, a sua Direcção tomou posse. À sua frente estavam elementos competentes para realizar trabalho de valor, antigos escoteiros cheios de capacidade. Contudo, ao contrário do que era de esperar, a Direcção da Fraternal não foi capaz de levar avante a iniciativa. Sabemos que o ilustre Presidente da Direcção se encontra sòzinho e que os restantes membros, assoberbados talvez pela sua vida profissional, não dão sinal de vida.

Parece-nos, porém, que a Direcção da Fraternal pode ainda tomar decisões que salvem a iniciativa e livrem a sua responsabilidade pela perda de um organismo esperado tão ansiosamente.

O Art.º 6.º do Regulamento estabelece que o Conselho Nacional reúne ordinária e anualmente no mês de Janeiro, competindo-lhe, entre outras coisas, «eleger os corpos gerentes para o biénio que se inicie».

Embora o mês de Janeiro já lá vá, estamos no princípio do biénio e é, portanto, altura de proceder à eleição dos corpos gerentes.

Porque não há-de a Direcção da Fraternal tomar as providências necessárias para que o Conselho Nacional reúna quanto antes e proceda às eleições?

Daqui lançamos esta sugestão que é, simultâneamente, um apelo. A Fraternal não deve acabar tão inglòriamente. A sua vida está ainda nas mãos da Direcção eleita na histórica reunião de 11 de Março de 1950, no Ateneu Comercial de Lisboa, portanto, há precisamente dois anos.

Salvemos a Fraternal! Salvemo-la enquanto é tempo.

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

8.ª PALESTRA

(*Conclusão da 4.ª página*)

os homens ou outros animais. Há os que procuram engodar os pobres cães vadios com pedaços de carne envenenada, deixando-os depois nas ruas expostos a tudo, quando tão fácil seria apanhá-los com uma rede e, tantas vezes, até com um simples bocado de carne sem qualquer veneno. Há os que se deleitam com o espectáculo bárbaro das touradas, sobrevivência da barbárie medieval, que as herdou da Roma decadente e corrupta (deixai-me dizer-vos, contudo, meus rapazes, que, se eu fosse forçado a optar entre uma tourada e um desafio de *football*, votaria sem hesitação por aquela, a despeito da minha aversão profunda pelo espectáculo, que, apesar de tudo, é um exercício viril e másculo, com atitudes de beleza que faltam completamente a esse pobre jogo cognominado estùpidamente «desporto-rei»). Há, felizmente que em Portugal creio não existir esta modalidade de diversão selvagem, os que se sentem delirar com o espectáculo arripiante dos combates de galos. Há os que, por necessidade (ou sem ela), sobrecarregam os animais de trabalho por forma total, que os pobres bichos muitas vezes vêm abaixo. Há os que, em certas épocas do ano, vão, por montes e vales, armados de espingardas matar aves, coelhos ou outros, sem que a necessidade a isso os obrigue, apenas por gosto, por distracção ou por desporto (?). Há tudo isto meus rapazes, e muito mais ainda, de que em grande parte tem culpa a educação defeituosa que há séculos se dá aos jovens de ambos os sexos.

E no entanto, que tesouros não existem latentes nos corações juvenis, que, bem aproveitados, transformariam, dentro de poucas gerações, a face do Mundo... Vou contar-vos um pequeno episódio, insignificante aos olhos de muitos, mas que em mim causou uma impressão funda, até pelo inesperado. Há uns três anos encontrava-me, de manhã muito cedo, a trabalhar junto duma janela aberta sobre a avenida onde moro. Era um amanhecer adorável de Setembro, pouca gente passava ainda na rua. Ocupado com o trabalho, só de longe em longe olhava pela janela, ainda assim distraìdamente. Súbito vejo avançar um automóvel, igual a tantos outros que por aqui passam. Mas, repentinamente, um cão, sem raça característica, mas, evidentemente, de estimação, atravessa-se na frente do carro, que, ou por impossibilidade de travar ou de desviar-se, ou porque o motorista achava aquilo coisa de somenos importância, passa sobre o bicho. Ouve-se um som seco, como de qualquer coisa que se quebra, uma caixa de madeira esmagada sob um pedregulho, ou coisa assim. Foi um momento rápido, mas nem por isso me confrangeu menos a sorte do pobre animal, que ficou estendido no pavimento, sem deitar uma gota de sangue, mas a arquejar, sacudido por violentas convulsões de agonia, que se espaçaram até cessarem de todo. Entretanto, um rapazinho de uns 8 a 10 anos, testemunha casual do caso como eu, parou junto do corpo do animal, que olhou com comiseração, assistindo àquela agonia rápida, Deus sabe com que sentimentos íntimos ante um irracional que morria em dor como tantos humanos. Quando terminou a agonia do bicho, o rapazinho, carinhosamente, arrastou-o para junto da valeta do passeio, onde o ajeitou para não ser novamente atropelado já morto, e afastou-se, não sem duas ou três vezes, com os mesmos olhos tristes, olhar para trás para ver o animal morto.

Que é isto, que foi aquilo perante os grandes acontecimentos do Mundo? perguntar-me-ão os tais espíritos *superiores*. Responderei: evidentemente nada. Melhor: TUDO. Tudo, sim meus rapazes, porque o acto e o gesto daquele rapaz revelaram-me um *coração* e uma *alma*: esse pouco. E eu não creio que o Mundo inteiro, as suas misérias, as suas lutas, as suas ambições mesquinhas, valham mais do que um coração que ama e uma alma que sente.

Porque sentimos, devemos amar: amar o nosso próximo, mas amar os que não o sendo, são de certo modo, nossos parentes afastados, por provirem do mesmo tronco comum, embora ele se perca, lá muito longe, nos confins da Pré-História. Amar, sim, esses seres irracionais, porque quem não sente a dor dessas pobres criaturas, tantas delas capazes das maiores dedicações pelo homem, não será capaz também de sentir a dor dos humanos. Essa indiferença pela dor dos irracionais breve pode converter-se em insensibilidade ante a dor dos nossos semelhantes. Daqui à crueldade deliberada é apenas um passo.

A crueldade é malformação que deve banir-se da alma de todo o Escoteiro, protector e defensor natural dos mais fracos, sejam eles seres humanos ou não. Por isso, meus rapazes, não consintais que jamais se maltratem os animais diante de vós, sem que vós protesteis com energia e, por todos os meios, procureis impedi-lo. Cultivai no vosso coração a flor da bondade, tornando extensiva aos nossos irmãos mudos, tantas vezes indefesos, que são ornamento deste Mundo e quase sempre nos dão eloquentes lições de cooperação, de fidelidade, de tenacidade, de Escotismo *prático*, que muitos homens nunca vos poderiam dar.

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

Promete a ti mesmo

Ser tão forte que nada possa perturbar a tua paz de espírito.

Escrever as injúrias na areia, e os benefícios em mármore.

Falar da saúde, felicidade e prosperidade aos que encontras no teu caminho.

Fazer sentir a todos os teus amigos que alguma coisa de valor há em cada um deles.

Olhar tudo pelo lado bom, e esforçar-te por que o teu optimismo se verifique.

Pensar só no melhor, trabalhar só pelo melhor, e esperar só o melhor.

Ter tanto entusiasmo pelo bom êxito dos outros como pelo teu.

Esquecer os erros do passado, e prosseguir para maiores acções do futuro.

Ter um semblante jovial em todo o tempo, e dar um sorriso a toda a criatura que encontrares.

Dar tanto tempo ao teu aperfeiçoamento que não te sobre para criticar os outros.

Ser tão grande que nunca te apoquentes, tão nobre que nunca te ires, tão forte que a desdita te não vença.

De «RAIO de SOL»

Este número foi visado pela Comissão de Censura

JOGOS FLORAIS
da Juventude Evangélica Portuguesa

Esta simpática instituição vai lançar esta iniciativa à qual podem concorrer todos os poetas e prosadores portugueses. Certos que a mocidade vai concorrer a este certame, publicamos com prazer o respectivo regulamento.

1.º — Os jogos florais da J. E. P. serão realizados em local a designar oportunamente e a eles poderão concorrer todos os poetas e prosadores portugueses com produções inéditas.

2.º — Serão admitidos os seguintes géneros:

Poesia — Soneto — Poesia Lírica (baseada em qualquer versículo do Sermão da Montanha, Novo Testamento, Evangelho de S. Mateus, Capítulos 5 a 7) — **Poesia Infantil — Quadra Popular — Poesia Obrigada ao Mote:**

«À TERRA VEIO JESUS
P'RA NOS ELEVAR AOS CÉUS»...

Prosa — Conto ou Novela Evangélica.

3.º — Só serão aceitos os originais que se apresentarem dactilografados a dois espaços e em quadruplicado.

4.º — As produções virão sempre escritas em papel de formato comercial, obedecendo a sua extensão aos seguintes limites:

Originais em verso — 3 folhas;
Originais em prosa — 6 folhas.

5.º — Nos trabalhos será posta de maneira bem visível a modalidade a que se destinam.

6.º — Os trabalhos serão subscritos com pseudónimo ou divisa e acompanhados de um sobrescrito lacrado, contendo na parte exterior o pseudónimo ou divisa que subscreve o trabalho, e, no interior, o nome e a morada do autor.

7.º — As produções serão entregues na Secretaria da Juventude Evangélica Portuguesa, Avenida D. Carlos I, 35, 2.º Dt.º, Lisboa, até ao dia 31 de Maio de 1952 com o seguinte endereço:

Comissão Cultural da J. E. P. — Jogos Florais de 1952.

A remessa também pode ser feita pelo correio, mas só serão aceitos os trabalhos que derem entrada dentro do prazo indicado.

8. — Os jogos florais da J. E. P. constarão de um sarau litero-musical para proclamação dos premiados, para distribuição dos prémios e leitura das produções em verso premiadas.

9.º — As produções serão apreciadas por um júri, constituído por três individualidades de reconhecido valor nas letras portuguesas, cujas decisões serão irrevogáveis.

10.º — Será atribuído um primeiro prémio à melhor produção de cada género e mensões honrosas, no máximo 6, às produções que o mereçam. Para a quadra popular o número de mensões honrosas poderá ir até 12.

11.º — O júri poderá deixar de atribuir qualquer dos prémios indicados desde que as produções apresentadas o não mereçam.

12.º — A Juventude Evangélica Portuguesa fica com o direito de, quando desejar e pela forma como melhor entender, utilizar as produções premiadas, sem que para isso necessite de qualquer autorização dos respectivos autores.

«SEMPRE PRONTO»

Por motivos alheios à nossa vontade o «Sempre Pronto» sai com algum atraso. Também ficou bastante original retido por falta de espaço.

De tudo pedimos desculpa aos nossos colaboradores e leitores.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Exposição Escotista na Dinamarca

Foi inaugurada no passado dia 2 de Fevereiro, uma Exposição de Escotismo, em Randers, Dinamarca. Esta interessante iniciativa dos irmãos dinamarqueses constava de distintivos escotistas dos diferentes países, fotografias de escoteiros, jornais e revistas escotistas, e uma mensagem dirigida à organização.

O nosso país também foi representado nesta reunião por intermedio do nosso colaborador Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, e a convite da Chefe de Guias daquele país, Sr.ª D. Christian Peterson.

Além dos pedidos feitos, de harmonia com os objectivos da Exposição, foram enviadas também, por aquele nosso colarador, algumas bandeiras nacionais em miniatura, e outra de pano em maior tamanho.

Esta iniciativa dos escoteiros da Dinamarca é das muitas que poderia ser imitada no nosso país. Aqui fica, pois, o alvitre. — P. C.

Na comemoração do 40.º aniversário da sua fundação, os Escoteiros Americanos confiaram ao seu companheiro que tem o n.º 19.000.000 o honroso encargo de oferecer um presente ao Presidente Truman

Os escoteiros americanos comemoraram em Fevereiro o 40.º aniversário da sua organização, com cerimónias comemorativas em todas as comunidades dos Estados Unidos. O Presidente Truman recebeu, ontem, uma delegação constituída por rapazes de todos os Estados da União. O escoteiro Dick le Hunt, de Virgínia, com 11 anos de idade, que tem o n.º 19.000.000 na lista geral do movimento, ofereceu uma miniatura do «Sino da Liberdade» ao Presidente Truman, que é presidente de honra da organização.

Dr. João de Barros

Um grupo de intelectuais promoveu simpática homenagem a este ilustre homem de letras, por motivo da passagem do 50.º aniversário da sua actividade literária. Manifestação bem merecida, pois o Sr. Dr. João de Barros tem-se distinguido nas letras, quer pelo brilho da sua pena, quer pela sua elevação moral.

«Sempre Pronto» associa-se sinceramente à justíssima homenagem, lembrando que o Escotismo recebeu também os benefícios da actividade do ilustre escritor. Não só pela pena, mas ainda como colaborador dedicado e no desempenho de altas funções oficiais, o Sr. Dr. João de Barros deu à Associação dos Escoteiros de Portugal uma cooperação útil, que deixou o seu nome ligado ao Escotismo Nacional.

Além disso, deu ao Escotismo dois filhos, os Srs. Eng.os Henrique de Barros e Paulo de Barros que honraram as nossas fileiras como Escoteiros-Chefes.

Ciência e Paciência

Problema N.º 14

Com as 40 sílabas abaixo forme 20 dissílabos sinónimos das seguintes palavras:

1—Manha
2—Aproar
3—Naipe
4—Peixe
5—Locução
6—Matizar
7—Sucessão
8—Oleoso
9—Reptil
10—Permutação
11—Sovar
12—Andadura
13—Obediente
14—Despretensioso
15—Cereal
16—Importante
17—Chanfradura
18—Grosseiro
19—Desigual
20—Aplauso

AR—AR—BE—BI—BRA—BRA—BRO—CA—CAR—CIL—CO—CO—DIL—DO—DO—DO—FRA—GO—GO—GRA—GRA GRA—IM—LE—LHA—MA—NO—PAR—PAS—PRO—PRO——SAR—SE—SEL—TAR—TRI—TRO—VO—XO—ZU.

Com as terceiras letras de cada palavra encontrada forme um provérbio português.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

● **De Luto** — Pelo falecimento de sua Mãe, ocorrido em fins do ano passado, de que só agora tivemos conhecimento, encontra-se de luto o nosso estimado Amigo e assinante Sr. Vítor Amoedo, antigo dirigente do Grupo 2. Apresentamos-lhe condolências sentidas.

Doentes — Agravaram-se os padecimentos do nosso bom amigo Sr. Carlos Augusto Monteiro de Sousa, dirigente escotista de que muitos escoteiros se recordarão através da sua actividade zelosa na Tesouraria da Região Centro e no Acampamento Regional do Estoril em 1944.

Todavia, este nosso Amigo já voltou a conquistar novas melhoras, que nós desejamos se acentuem cada vez mais.

ACTIVIDADES ESCOTISTAS
realizadas no dia 9 de Março

* O Grupo n.º 5 inaugurou as suas actividades e descerrou um busto de Baden-Powell.
* Os Antigos-Escoteiros de Portugal reuniram-se num almoço de confraternização.
* A Comissão Organizadora da União Evangélica de Escoteiros de Portugal iniciou as comemorações do 40.º aniversário da fundação do 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal. De todas estas actividades o «Sempre Pronto» publicará notícias no próximo número.

Uma oferta ao "Sempre Pronto"

O Chefe do Grupo 53, Sr. Armando Lino, colaborador dedicado deste jornal, teve a gentileza de nos oferecer dois exemplares do n.º 1 e dois do n.º 2 do «*Sempre Pronto*», números que se encontram esgotados há muito tempo, para serem vendidos pela maior oferta a favor do nosso jornal.

Como estes números têm tido muita procura, os interessados têm agora uma oportunidade de os adquirir.



UM MILAGRE



Frederico, o Grande, rei da Prússia, tinha por costume disfarçar-se e sair, só, a passeio, para observar directamente como corriam as coisas no seu reino e conhecer as necessidades do seu povo.

Um dia em que, disfarçado em simples soldado, passeava nas proximidades dum quartel, encontrou um soldado do regimento ali aquartelado que dava evidentes manifestações de ter entrado um pouco demais pelo vinho. Imediatamente se encaminhou para ele, travando uma conversação amigável e lamentando-se da sua paga exígua não lhe dar margem para de vez em quando poder ir à taberna variar um pouco de comida.

— Outro tanto não te acontece a ti, disse o rei ao soldado, pois segundo vejo, permites-te o luxo dum copo a mais.

— Ah meu caro, responde o soldado, se não fosse isso não sei como suportaria a vida; parece que estoirava de aborrecimento.

— Mas como fazes tu para o dinheiro te chegar?—retorquiu o rei. Eu confesso-te com toda a franqueza que a mim não me chega para esse luxo.

— Ora, como faço? respondeu muito alegre o soldado. Ponho no *prego* qualquer objecto do fardamento ou do equipamento de que não tenha necessidade imediata. Olha, aqui muito em segredo, desta vez foi a lâmina do sabre. Vês, substituí-a por uma de madeira. E, dizendo isto, puxava pelo punho do sabre e mostrava ao rei um bocado de lâmina que este estupefacto verificava ser de madeira.

— Ninguém vem a sabê-lo, continuou o soldado, tão cedo não temos revista no regimento...

Frederico despediu-se do soldado com maneiras muito amigáveis e no dia seguinte, acompanhado de todo o seu estado maior, apareceu inesperadamente no quartel. O regimento formou em parada, o rei passou-lhe revista e, sendo informado de que um soldado estava preso por ter cometido um crime gravíssimo a que correspondia a pena de morte, ordenou que o trouxessem para a frente do regimento e, enquanto esperava, foi andando devagar até ficar na frente do soldado com quem na véspera conversara.

Chegado o criminoso à frente do regimento, Frederico, o Grande, fez uma alocução aos soldados sobre a necessidade de se manter inquebrantável a disciplina e de não se repetirem casos como aquele de que era acusado o soldado que estava na sua presença, terminando por anunciar ali mesmo um exemplo de castigo severíssimo.

E, voltando-se para o soldado com quem conversara na véspera e que estava na formatura mesmo na sua frente, ordenou-lhe com voz imperiosa:

— Corta a cabeça a esse miserável!

O soldado, aturdido pela inesperada ordem, sai da formatura, prosta-se perante o rei, suplicando-lhe que o poupe ao remorso de executar um camarada, embora indigno da estima dos soldados leais e disciplinados.

Mas o rei, implacável, repetiu com intimativa:

— Corta a cabeça a esse miserável!

—Pois bem, exclama o soldado, já que Vossa Majestade se não digna aceder às minhas súplicas, nada tenho a esperar dos homens. Dirijo-me a Deus que lê no mais recôndito da minha consciência. Suplico a Deus o milagre de transformar em pau a lâmina do meu sabre!

E, dizendo isto, saca o sabre com um movimento enérgico, mas ao mesmo tempo deixa-o cair e recua com os olhos esbugalhados e de bem fingido espanto, ao verificar que a súplica fora atendida pelo céu.

Frederico, estupefacto, admirava a finura e sangue-frio do soldado e chamando-o depois à sua presença, aconselhou-o a não mais pôr no *prego* os objectos do fardamento e deu-lhe uma avultada quantia que o soldado recebeu com grandes mostras de reconhecimento.

— • • o • • —

UM GUIA DE PATRULHA

Não diz:	Diz sempre:
Eu quero!	Nós queremos!
Eu faço!	Nós fazemos!
Eu vou!	Nós vamos!
Eu mando!	Nós obedecemos!
Eu não cumpro!	Nós cumprimos!

PALESTRAS COM OS GUIAS

A Patrulha é uma família feliz



Permite-me, meu caro Guia, que sinceramente te pergunte se a tua patrulha é uma família feliz.

Estranho que fiques pensativo, titubeando na resposta, confuso, parecendo que não estás muito certo da informação que deves dar

Serei eu próprio, então, a dar a resposta. — A tua Patrulha não é uma família feliz, porque se o fosse não hesitarias em responder, visto que a felicidade é algo tão real, tão agradável, que nos dispõe tão bem, que se a tua Patrulha fosse feliz toda a gente o saberia. A felicidade é contagiosa, expande-se em nossa volta, surge nos nossos rostos, transparece nos nossos olhos.

Nota, porém, só de ti, ùnicamente da tua pessoa, depende que a tua patrulha seja uma família feliz. A primeira condição para que ela seja uma **família,** é que tu sejas o irmão mais velho. Terás de evitar aquelas ordens àsperas e imperativas. Deixarás de ser o chefe, serás antes o Irmão. Não dás por isso ordens. Escutas a opinião dos teus irmãos mais novos, ouves os seus desejos, adivinhas os seus interesses, e resolves com eles «*o que vamos fazer*».

Nunca impões a tua vontade. A tua vontade será a vontade da patrulha. Não desempenhas todos os cargos, mas dás oportunidade a que cada escoteiro faça o seu serviço.

Nunca estás zangado. Sempre satisfeito, acolhes com o melhor sorriso os teus irmãos mais novos. Estás presente nas suas alegrias, acompanhas as suas dificuldades ou tristezas, marchas com eles através das serras e das campinas.

Não escutas intrigas. Se algo de desagradável sucedeu, olhos nos olhos do teu irmão, aconselhas com amor, desculpas com paciência.

A patrulha tem um ideal — *Amar a Deus e a Pátria, auxiliar o próximo em todas as circunstâncias.* É um ideal de serviço, portanto, uma tarefa. Procura que cada um dos teus irmãos tenha uma parte activa nela. A Boa Acção é o programa diário. Se os oito rapazes da tua patrulha fizerem todos os dias Boas Acções, a tua Patrulha será uma família tão feliz que, quando eu voltar a fazer-te a mesma pergunta, a tua face iluminar-se-á de alegria e responderás: — *Sim, a minha Patrulha é uma família muito feliz!*

BALU